

Brasil

As primeiras sondagens quanto à economia em 1988

Como é costumeiro no início de cada ano, as empresas dos diversos setores fazem uma avaliação de seu desempenho no exercício anterior e das perspectivas para o futuro. Pelos depoimentos que este jornal vem publicando, verifica-se que as análises apresentam naturais variações, de acordo com as características de cada setor, mas elas não permitem afirmar que o ano de 1987 tenha sido tão catastrófico como se crê nem que as perspectivas para 1988 sejam pessimistas.

Na realidade, verificam-se claras contradições. Segundo dados da Associação Brasileira de Atacadistas (Abad), o setor registrou, em 1986, uma queda de vendas de 8%, enquanto na ponta do varejo se verificava um "boom" de vendas sem paralelo na história recente do País. O fraco desempenho do setor atacadista foi resultado de falta de mercadorias para atender aos pedidos em razão do estupendo crescimento do consumo na fase de vigência do Plano Cruzado. Sobrevindo a retração em 1987, o setor atacadista amargou uma queda real de 15%

no faturamento em relação ao ano anterior. Segundo empresários do setor, as perspectivas, neste início de ano, não parecem igualmente animadoras.

Essa impressão não encontra correspondência, porém, na análise de uma empresa do segmento atacadista-distribuidor do Triângulo Mineiro, a Martins — Comércio, Importação e Exportação Ltda., que atribui as dificuldades maiores de 1987 às constantes interferências do governo na atividade econômica. A empresa encara o atual exercício com "relativo otimismo", prevendo um crescimento real do faturamento da ordem de 12%.

A Sama Peças e Pneus, de São Paulo, também coloca, entre as principais dificuldades do ano passado, a instabilidade na área econômica e considera que seus resultados, mesmo assim, são satisfatórios. Outras características marcantes de 1987 emergem das declarações do presidente da Associação Brasileira de Supermercados (Abras), Artur Sendas, que atribuiu a queda real das vendas dos supermercados — que chegou

a 15,3% em 1987 — a uma política de juros estimuladora da poupança e a uma baixa nos salários reais. Mas 1987, disse ele, não foi pior do que 1985.

Algumas conclusões gerais podem ser extraídas desses depoimentos. A primeira das quais é que as cicatrizes deixadas pelo Plano Cruzado já foram praticamente absorvidas e que os empresários se sentem mais seguros com uma política econômica que não promete sobressaltos, como um congelamento de preços.

Verifica-se também, pelas declarações do presidente da Abras, quanto o consumidor brasileiro, tido como gastador, é sensível a variações de preços e como tem aprendido a resguardar-se em períodos de contração dos seus rendimentos. Com o fim da política de estabilização forçada de preços, o consumidor limitou as compras de produtos supérfluos, mantendo apenas as dos produtos componentes da cesta básica. Simultaneamente, aumentaram os depósitos em caderneta de poupança, que, dada a queda real da renda dos assalariados, deveriam

cair ou apresentar um crescimento menor no ano passado.

A recuperação dos salários a partir dos últimos meses de 1987, a manutenção da inflação em níveis razoavelmente estabilizados e um certo otimismo que se observa nos meios empresariais poderão concorrer para uma progressiva reativação da demanda, que tenderá a ser bastante visível em face dos números muito baixos do ano passado. E existem indicações de que o setor da construção civil poderá ser o principal "puxador" da economia nesta fase. Como noticiou este jornal na última semana, com a reativação de obras públicas em todo o Estado de São Paulo, sob a influência das eleições municipais que se deverão realizar em novembro, já existe escassez de mão-de-obra nessa área, prevendo-se um aumento real de salários de 700 mil operários. Em outros estados, a situação é semelhante.

Finalmente, as novas regras para o setor habitacional, tornando a casa própria mais acessível a milhares de brasileiros, devem acentuar o impulso à construção civil.